"NOSSOS GOVERNANTES ESTÃO CHEIOS DE DINHEIRO": construção de alteridades e sentimentos de pertença em torno do dinheiro. O caso dos Magermanes em Moçambique

Héctor Guerra Hernández*

RESUMO: Viajar, vestir-se elegantemente, ostentar um aparelho de som sofisticado, oferecer presentes para as muitas namoradas, ter acesso a bens de consumo como geladeiras, aparelhos de televisão, motocicletas... Histórias de sucesso e bem-estar material predominam nos relatos dos moçambicanos que, outrora, trabalharam na República Democrática Alemã (RDA). Parte substancial do salário era transferida para Moçambique. A extinção da RDA provocou o retorno acelerado dos conhecidos como Magermanes, porém muitos conseguiram organizar contendores e trasladaram os bens materiais acumulados durante sua permanência neste país. E mais: chegaram "como ricos" num país desintegrado social e economicamente e assolado por uma guerra fratricida. Mas a história continua. As remessas de dinheiro transferidas "sumiram". No entanto eles "conhecem" o paradeiro do seu dinheiro: burocratas da Frelimo (o partido no poder) teriam enriquecido ilicitamente com este dinheiro; bancos privados teriam sido formados, condomínios de luxo teriam sido construídos em Maputo, e assim por diante. Este artigo pretende explorar os sentidos do dinheiro no interior da história de um grupo social específico. Da memória da riqueza aos relatos de uma pobreza crescente e atual, as representações em torno do dinheiro são um elemento identitário decisivo para os Magermanes, orientam-nos em suas ações políticas e, sobretudo, articulam suas narrativas em torno dos seus supostos inimigos.

PALAVRAS-CHAVE: Moçambique; dinheiro; identidade.

ABSTRACT: To travel, to get dressed elegant, to show sophisticated sound devices , to offer gifts for the many girlfriends, to have access to consumer goods like refrigerators, television sets, motorcycles... Histories of success and material well-being predominate in the stories of the Mozambican that worked in the German Democratic Republic. Substantial part of the earn was transferred to Mozambique. The extinction of the GDR caused the accelerated return of the known ones as Magermanes, nevertheless many were able to organize containers and transferred the accumulated material

* Doutorando em Antropologia Social. UNICAMP/FAPESP.

goods during their permanence in this country. It is more: they arrived economically "like rich" in a country disintegrated social and economically, and knocked down by a fratricide war. But their history continues. The transferred remittances "disappeared". Nevertheless they "know" the whereabouts their money: bureaucrats of the Frelimo (the party in the power) would have become rich illicitly with this money; private banks would have been formed, luxury condominiums would have been constructed in Maputo, and thus ahead. This communication try to explore the senses of money into the history of a specific social group. About the memory from the wealth to the stories of an increasing and present poverty, the representations all around of the money are a decisive element of identity for the Magermanes, orients them in their political actions and, mainly, it articulates his narratives about their supposed enemies.

KEYWORDS: Mozambique; money; identity.

INTRODUÇÃO

O presente artigo é o resultado provisório de dois meses de observação e convivência com os Magermanes[1]. As questões que possam ser colocadas aqui só pretendem indicar o norte da pesquisa em andamento e, portanto não têm caráter conclusivo. O propósito deste trabalho é indagar, no entanto, nos diversos sentidos que este coletivo lhe dá ao dinheiro e, também, refletir em torno de alguns elementos recorrentes na sua prática discursiva e dinâmica de ação com a finalidade de outorgar ao leitor uma imagem, mesmo que prematura de um grupo social marginalizado que luta pelo reconhecimento de sua dignidade por parte do estado e a sociedade, e, além disso, um grupo que exige o reconhecimento de seu sacrifício em pró do desenvolvimento do país, pois essa foi sua missão ao partir para a antiga Republica Democrática Alemã. Sua luta é também por ser concebi-

[1] Procurando uma definição preliminar do termo, encontramos na site www.casamocambique.de a seguinte proposta: Madjermane, ou madgermanes ou magermanes = Mad (e in) Germany. Resumido: Mad'jermane. Trata-se de uma maneira peculiar dos moçambicanos de designar um produto "Made in Germany", ou seja vindo da Alemanha. Pode ser um aparelho de música da marca RFT ou um estudante da "Escola da Amizade" em Straussfurt ou ainda uma motocicleta da marca MZ. Em Moçambique "Made in Germany" é assinalado na língua moçambicana como Madjermane. O termo ficou, apesar do tempo, e agora é reivindicado como marca identitária pelos próprios antigos trabalhadores moçambicanos na RDA na luta pelo seu reconhecimento. Devemos ter presente, contudo, que a partícula "ma" em boa parte das línguas do sul de Moçambique designa o plural. Assim, o plural de changana, grupo lingüístico majoritário no sul, é "machangana", o plural de suazi, é "masuazi", e assim por diante. Podemos imaginar que "madjermane" faça referência a "os alemães" ou "os que vêm da Alemanha".

do como interlocutor válido em um diálogo cada vez mais reduzido entre governados e governantes.

Antes de entrar em contato direito com os Magermanes, a maioria das pessoas tentou me aconselhar para tomar cuidado, pois ia conhecer um grupo muito violento. Um grupo que fala pouco e estraga muito, se confronta com a policia, insulta o presidente, agride a seus dirigentes, etc. Aliás um pastor da igreja evangélica alemã me prevenia em seu alemão: "mit dem Magermanes ist nichts zu spassen!", o que em português viria a ser "os Magermanes não são brincadeira". Enfim, devia tomar cuidado de não ser mal compreendido e desta maneira cair vitima da violência deste grupo de "marginais". Paralelamente, a pouca literatura encontrada sobre sua situação em Moçambique, os mostrava como um coletivo de pessoas lesado em seus direitos e marginalizado na própria sociedade (cf. especialmente OPPENHEIMER, 2004), ou seja, como vitimas. A minha maior surpresa foi me encontrar com indivíduos alegres, abertos e "puxa papo", uma cordialidade, por vezes fria, que explica mais o receio do primeiro encontro do que algum caráter ou uma maneira de ser intrínseca. Em muitos casos, não precisei escolher os temas de conversa, foram eles que me contaram "a sua história"... a sua versão da história.

IMAGINÁRIO MAGERMANE: A BASE CENTRAL E A MARCHA DAS QUARTAS

Aparentemente a Praça 28 de Maio não é diferente de muitas outras que percorri, nos diversos lugares que visitei em Maputo. É um lugar que durante o dia vibra com as atividades econômicas e sociais que o comércio informal supõe. Rodeado de lojas, restaurantes, oficinas mecânicas e comércio ambulante; atravessada por caminhos de cimento e em seu interior pequenas rotundas formadas por bancos alinhados, nos quais se vêem na sua maioria homens com pastas sob o braço, discutindo algum evento da atualidade, em changana, ronga ou português, ou certamente misturando todas as línguas como se costuma ouvir já nas ruas e lugares públicos da capital. Pela sua proximidade ao Ministério do Trabalho, se pode supor que são desempregados, os que vêm ou vão às dependências deste ministério em procura do que hoje em dia parece ser um artigo de luxo em Moçambique: um trabalho formal.

No meio de toda esta agitada efervescência citadina, sobressai a presença numerosa dos Magermanes, os quais a primeira vista combinariam

com a paisagem recém descrita, não fosse porque cada quarta-feira, junto com outros (as vezes que estive presente eram entre 100 e 200 pessoas), em formação militar e disciplina rígida, premunidos de cartazes, tambores artesanais e um arsenal de consignas e cânticos, marcham pelas ruas desta capital aparentemente carente de vida política pública visível. Os Magermanes, conhecidos desta maneira pelo vulgo, fizeram desta praça, localizada no centro de Maputo, no bairro de "Alto-Maé B", sua base central de operações. Ocuparam um espaço público e o transformaram em um território libertado, onde eles são os donos. Todo aquele que deseje realizar seus negócios deve consultá-los e receber sua permissão. A derruída casa de banho (único vestígio da outrora presença de um estado que na atualidade marca sua presença no setor através dos uniformes e carros policiais) foi reformada e hoje é uma das fontes de ingresso para o sustento diário desta coletividade. Em uma cidade, em cujas ruas as pessoas costumam defecar ou despejar seus fluidos em qualquer parte, parece ser que esta casa de banho procura representar um exemplo de higiene. Em duas das quatro paredes exteriores tem pintada uma bandeira da Alemanha e na parede que dá para a Avenida 24 de Julho, quase à altura do Museu da Revolução[2], lê-se a seguinte inscrição: "Base Central Madgermany". Pode parecer uma curiosidade e até uma coincidência arquitetônica, porém o fato de estar construída quase à altura do Museu da Revolução não deixa de ser provocador aos olhos do Estado. A sujeira e a deterioração urbana que marca o cotidiano da cidade, da qual o museu também não escapa, é de alguma forma contestada por esta higiene da casa de banho.

No dia da passeata o espaço ao redor da casa de banho aparece enfeitado de bandeiras da Alemanha, da antiga RDA e dos Estados Unidos. O espaço imediato que rodeia a casa de banho conforma um conjunto de jogos infantis, os quais se encontram em um estado de deterioração e abandono só compressível pelo processo de resignificação histórica que o lugar foi experimentando, de um espaço de lazer para crianças a um espaço adulto de discussão e luta. O uso desta casa de banho custa um metical, valor que permite sua manutenção, mas, além disso, o restante é usado, junto ao aporte

[2] O museu da revolução se localiza quase à mesma altura da Base Central dos Magermanes. É um prédio de cinco andares em cujos cômodos se periodiza exclusivamente a luta de libertação até a declaração da independência de Portugal. Os cômodos contem vitrines que relatam as estratégias militares, os combates o arsenal bélico utilizado. Em linhas gerais se apresenta como um museu que exalta a grandeza da luta revolucionaria de maneira cronológica colocando mártires e heróis no centro do relato. Durante a minha visita, exceto pelos funcionários, a maioria dos visitantes que encontrei no percorrido das dependências eram estrangeiros.

dos Magermanes que estão presentes no momento, para organizar a refeição do dia. Este espaço é ocupado o dia inteiro, chegando inclusive a altas horas da noite. Em uma das minhas acostumadas visitas à praça tive a oportunidade de conhecer as outras dependências desta Base Central. A primeira é um salão de barbearia chamado "Barbaria Madgermanes", onde trabalha um jovem barbeiro. É um cômodo de aproximadamente um metro e meio quadrado onde se encontra uma mesa improvisada de caixotes, coberta por um lenço. Sobre esta mesa há um espelho de tamanho médio e várias máquinas de cortar cabelo. É um salão masculino. O jovem barbeiro não pertence ao grupo de Magermanes. Zeca Cossa, um dos dirigentes, me diz que muita gente vem cortar o cabelo ali. A outra dependência localizada do lado oposto a esta barbearia, é um quarto pouco maior. Nele encontram-se algumas cadeiras e um fogão pequeno de duas bocas. "Aqui almoçamos." me diz o mesmo dirigente, explicando que cada membro da organização contribui com algo de dinheiro para o almoço diário. Naquele dia havia três mulheres cozinhando, fui convidado a almoçar; no cardápio*: xima* com repolho em molho de tomate. Esta comida é o cardápio básico das pessoas sem dinheiro, ou seja, da maioria dos moçambicanos, como me diz Zeca. Durante o almoço conversamos assuntos triviais, e o que me chamou a atenção foi o interesse dos comensais em saber se eu falava changana.Respondo-lhes que conheço três palavras: Kanimambo (obrigado), Machimbombo (ônibus) e Mulungo (branco). Quando pergunto pelos outros Magermanes que estão fora, se eles almoçam naquele local, a resposta de Zeca me deixa um pouco perplexo: "Aqui entre Magermanes existem grupos diferentes". A diferenciação mencionada refere-se ao consumo de álcool, pois tem um grupo que bebe principalmente álcool destilado e outro - ao qual ele pertence - que bebe principalmente vinho. Esta diferença me chama a atenção pela maneira como Zeca a estabelece, ao colocar ao grupo que bebe destilados de certa forma uma conotação pejorativa.

Em linhas gerais, a presença deste grupo não é casual. Como dito anteriormente, a razão principal para a escolha deste lugar como centro de operações, foi sua proximidade com o Ministério do Trabalho (três quarteirões). Em conversações com os dirigentes desta coletividade, soube que esta praça foi ocupada após serem expulsos da calçada em frente ao mesmo ministério. A importância de localizar-se perto das dependências deste organismo estatal é definida pela sua posição na hierarquia dentro da escala de inimigos que os próprios Magermanes confeccionaram em todos estes anos. É neste ministério onde tudo começa e é também onde estariam

guardados os documentos que comprovariam a validade e veracidade de suas reivindicações. No entanto, voltemos a praça 28 de Maio, pois constitui um dos espaços de visibilidade Magermane por excelência. A ocupação cotidiana da praça se inaugura de manhã cedo com a chegada dos primeiros Magermanes, que no geral são seus dirigentes e o "núcleo duro de combatentes". Salvo os que "tenham arranjado um bico", a maioria chega entre 9h e 10h da manhã. Nessas horas começam também a chegar os primeiros comerciantes ambulantes. Segundo um dos dirigentes, sua presença na praça neste horário é para coordenar a ocupação do espaço para o comércio informal, o qual abarrota três dos quatro lados desta praça. O quarto é para o trânsito dos transeuntes e é precisamente o lado onde os Magermanes se localizam. Segundo este mesmo dirigente, em um acordo com o conselho municipal da cidade[3], decidiu-se que são eles os responsáveis por cobrar a taxa de uso, medida em metros quadrados e cujo valor variaria dependendo do tamanho do espaço a ser ocupado. Quem não paga não pode usufruir o espaço. Este contrato é fiscalizado rigorosamente pelos Magermanes. O controle evita, segundo eles, maus entendidos, abusos, roubos ou assaltos. É uma espécie de policiamento civil financiado pelos próprios comerciantes e negociado com a autoridade estatal.

Como dito anteriormente, dependendo de uma série de circunstâncias, mas sem dúvidas, dependendo fundamentalmente de alguém encontrar um "bico" ou não, a presença cotidiana dos Magermanes na praça vai desde 20 e pode chegar a aproximadamente 50 pessoas. Este "núcleo duro de combatentes" é composto quase em sua totalidade por homens. São os últimos a abandonar a praça junto com os dirigentes, a altas horas da noite. É necessário salientar que a totalidade destes "combatentes" é desempregada. Segundo eles não conseguem trabalho por "ser Magermanes", o que equivale a dizer revoltosos, briguentos e problemáticos. Segundo eles tam-

[3] No jornal "noticias" de 15 de Fevereiro de 2006 aparece a seguinte nota: "Vendedores e `madjermane´ disputam Jardim 28 de Maio. O Jardim 28 de Maio conheceu ontem momentos de tensão com os antigos trabalhadores da ex-RDA, também conhecidos por `madjermane´, a repudiarem a ocupação daquele espaço pelos vendedores ambulantes que para lá se dirigiram, alegadamente sob orientação do Conselho Municipal da Cidade de Maputo. Só que esta situação não foi bem acolhida pelos `madjermane´ que, de imediato, trataram de protestar, afirmando que aquele jardim é a sua base central e, mais ninguém pode ocupá-lo". Parece que a convivência entre Magermanes, vendedores ambulantes e o Conselho Municipal da Cidade de Maputo não sempre foi "cordial" e concordada. Esta negociação, a maneira como foi feita entre os diversos agentes não foi descrita pelos Magermanes, esta situação leva a pensar que os relatos coletados seriam mais do que tudo a versão elaborada dos "vencedores" desta negociação.

bém, sobreviveriam com trabalhos do tipo 'bicos'[4]. Ao inquirir o porquê de "combatentes", Zeca responde "porque são os que estão aqui de segunda-feira a sábado, nunca faltam às marchas e, sobretudo são os dinamizadores nas discussões coletivas com a 'massa' que só vem às reuniões e à marcha". A denominada "massa", por sua vez, seria o conjunto de Magermanes que participa das marchas das quartas-feiras, um grupo numeroso, o qual dependendo das circunstâncias pode chegar a aproximadamente 250 pessoas. Um dos eventos dos quais tive a oportunidade de participar, teve lugar no final de setembro do ano passado. Nessa oportunidade reuniu-se a diretiva e seus "combatentes" para discutir a nova estratégia para os próximos meses. Essencialmente debateu-se a mudança da tática reivindicativa para uma política eleitoral. O argumento se baseava na proposta de um grupo político, expressamente a MUNAMO, para criar uma aliança para as eleições das assembléias provinciais, as quais aconteceriam inicialmente em fevereiro deste ano. Segundo os mesmos dirigentes, o que se perseguia com esta aliança eram, em suma, duas coisas: a primeira e mais importante era a criação um movimento social abrangente, incorporando as reivindicações de outros agrupamentos. A segunda tática, sob a idéia de "alianças inteligentes" aproveitarem a luta eleitoral para confrontar de maneira direta e sem intermediários o seu principal inimigo: a FRELIMO. A razão da reunião, no entanto, perseguia outro objetivo, talvez o mais importante, que era exigir de seus combatentes um compromisso total com esta nova estratégia. Isto significava não só concordar, mas, sobretudo compreender cabalmente a estratégia, pois como dinamizadores não podiam confundir a "massa", dizendo que "foi idéia deste ou de outro" ou que "assumiram sem entender do que se trata". Em suma, este compromisso total apontava a "fechar fileiras" em torno desta nova orientação e não dispersar a opinião do resto de Magermanes que assistem à marcha, principalmente daqueles considerados "mais analfabetos"[5]. Esta experiên-

[4] O bico pode ser comparado com a idéia de *job* em inglês, ou seja, um trabalho de caráter intermitente que só resolve o momento, a diferença do que poderia entender como trabalho temporário o qual denota certa continuidade ocupacional, o bico é um trabalho de caráter especifico que acaba quando a tarefa é cumprida e não inclui recontratação.

[5] Analfabeto neste sentido é usado quase que da mesma forma que durante o período de domínio colonial português: analfabeto era quem não falava português. No entanto, para os Magermanes esta definição parecer ter mais de uma conotação, além de não dominar o português. Uma primeira impressão foi achar que se estava falando de indivíduos ignorantes, quase que não civilizados. Um aprofundamento nesta questão no próximo período de pesquisa de campo em Maputo tentará desvendar as implicações de estas e outras designações e práticas discursivas nos dirigentes Magermanes.

cia merece mais um pouco de atenção, pois revela que neste ambiente aparente de camaradagem e coletivismo, se sobrepõe uma hierarquia indiscutível. Por um lado, membros diretivos com um evidente monopólio da informação, combatentes com uma disposição e obediência irrestrita e, por outro, a massa, que parece significar "o resto", a qual completa o quadro das diversas manifestações de Magermanes. Todas elas são figuras assumidas, de certa forma, para representar diversos papéis sociais na estrutura e funcionamento do coletivo. A isto se soma a linguagem usada: uma mistura de messianismo religioso e arenga militarista em tempos de guerra. Em meu afã analítico, tentei procurar respostas com referências lógicas a estas atitudes, porém o único que encontrei foi uma frase: "estamos em guerra". Como entender esta linguagem belicista de perfil messiânico em uma sociedade a pouco tempo pacificada e inserida em um difícil processo de democratização? Talvez se encontre aqui uma das provocações mais inquietante que este grupo elabora frente ao Estado e também frente à sociedade.

Em suma, esta praça além de representar o que alguns chamariam de "sala de estar" estendida dos Magermanes, se configura como um espaço de dissidência, apropriado pelo coletivo. Um espaço público organizado em detalhe. É a cara visível de um coletivo repleto de matizes. Aqui se pratica cidadania, se gera discussão, se organiza a rebeldia, se estabelecem as alianças e se nutrem as lealdades, se resiste ao inimigo, se recebe, junto com o correio oficial, as visitas e os "curiosos" como eu. É um espaço que convive com outros no mesmo lugar, de maneira hierárquica. Um espaço no qual um coletivo impõe suas regras a quem queira usufruir dele. Não é por nada que a população de Maputo, ao ser consultada pelo "Jardim 28 de Maio" ou "a Praça da Liberdade", duvide um momento antes de responder, pois com a passagem dos anos este espaço foi-se enraizando no imaginário citadino como a "Praça dos Magermanes", ponto de referência mais recorrido inclusive que o próprio Museu da Revolução.

De todos estes anos, o evento que outorga a maior visibilidade aos Magermanes é a sua marcha semanal. Antigamente eram realizadas às sextas feiras, mas a partir de 2006 mudaram para as quartas feiras[6], que antes

[6] Segundo os dirigentes a mudança de dia foi determinada pela minguada assistência dos próprios Magermanes às marchas (sextas) e às reuniões (quartas) respectivamente. Umas dos motivos principais para esta baixa na participação era o fato de alguns Magermanes terem achado um trabalho fixo ou em alguns casos, achar que as suas reivindicações foram atendidas, razão pela qual não precisavam continuar participando da luta coletiva.

era usada para as reuniões semanais do grupo de pressão. Neste lugar os Magermanes instalaram já em 1993 a base de operações para sua luta reivindicativa. Todas as quartas feiras se reúnem aproximadamente entre 100 e 250 Magermanes, entre homens e mulheres, embora os homens sejam sempre maioria. Antes de começar eles se ordenam da seguinte forma: uma fila longa de três colunas, na ponta se coloca um homem com a bandeira da RDA, logo dois homens com o cartaz que identifica a associação, depois vêm às mulheres, que são entre 15 e 20 (o número varia de semana em semana), portando cartazes. Logo vem três a quatro colunas de homens, deixando o centro da fila a um grupo de 15 a 20 homens portando instrumentos de percussão, na sua maioria, confeccionados com material reciclado (latas, latões, vazias, garrafões, etc.), embora tenham também alguns tambores e apitos. Depois deste grupo vem entre oito e dez colunas de homens portando cartazes (segundo a assistência estas colunas podem duplicar). Do lado de fora da formação, existem uns 5 a 6 homens encarregados da segurança da marcha, são os que fecham as ruas para a passagem dos manifestantes, responsáveis pela ordem no interior da marcha, impedem que algum dos manifestantes se exalte e incorra em alguma contravenção. Bem ao final da marcha vêm os dirigentes. Antes de dar inicio à marcha é escolhido um pregador para abençoar o evento, assim como também conjurar os "maus espíritos". Todas as vezes que assisti notei que o encarregado desta parte era um membro da igreja universal, porém não são todos que pertencem a esta igreja. Encontrei muitos de confissão católica, evangélica pentecostal de diversas igrejas, muçulmana, etc. No momento da pregação, cada um reza de acordo com a sua filiação religiosa, deixando o pregador principal fazer uma missa em nome de todos.

A marcha começa às dez da manhã. Sai da praça entrando numa das avenidas principais de Maputo (Avenida Eduardo Mondlane)[7] em direção do setor rico da cidade (Bairro de Polana Cimento). Neste bairro encontra-se o banco SOCREMO (Sociedade de Crédito de Moçambique), instituição que segundo os Magermanes foi criada com o dinheiro deles e da qual não podem usufruir. Neste bairro também se encontram diversos órgãos

[7] Antigamente o trajeto da passeata era percorrido pela Av. 24 de julho onde se encontra o Ministério do Trabalho e chegava até a Av. Julius Neyrere onde se encontram as embaixadas da África do Sul e também prédios importantes do governo como a casa do presidente. Depois de 2003 este trajeto foi modificado devido ao recrudescimento do conflito entre Magermanes e Governo. Já em Novembro de 2003 as passeatas foram proibidas pela polícia por ter provocado desordem público em alguns pontos. A partir de 2004 se negociaram o trajeto até chegar a ser o atual.

do governo e também residem os funcionários do governo e membros do partido no poder. A idéia de passar por este bairro é "molestar" o almoço destes funcionários e personalidades, segundo Zeca a idéia é que "enquanto nós estejamos a morrer de fome, eles não irão comer tranqüilos". Durante a caminhada por este lugar, a maioria das consignas são realizadas em português e por vezes em alemão, embora os cânticos continuem sendo em changana. Parece importante observar que durante o trajeto desde a praça ao bairro de Polana Cimento, os Magermanes vão indicando todas as instituições que segundo eles foram criadas com o dinheiro deles. Com a mão esquerda empunhada e o dedo indicador estendido vão apontando para os prédios onde estão localizados estes institutos de crédito, principalmente, como o Banco Austral, BCM, Eletricidade de Moçambique, etc. Saindo de Polana Cimento, eles dirigem-se aos bairros populares sem perder o fôlego. Em relação à recepção da população pude perceber que durante o percurso da passeata nos bairros do centro e Polana Cimento as pessoas mostraram certa reserva frente à manifestação, não antipatia nem receio, embora algumas mulheres vendedoras de frutas dançarem no compasso das músicas. Nos bairros populares a população participava da passeata dialogando com alguns Magermanes ou dançando as músicas e, por vezes, cantando com eles. No entanto uma coisa é clara, esta marcha já não surpreende ninguém que não conheça aos Magermanes.

Alternando entre cantos em changana e gritos em português, constituem uma manifestação organizada, disciplinada e objetiva[8] de descontentamento social. O barulho citadino é cortado pela força dos cânticos Magermanes; o silêncio das esferas de poder é contestado em duas línguas, o changana[9] que é a "do povo" e o português que é a do poder. Esta marcha acaba quando o grupo retorna à praça por volta das três da tarde e, da mesma maneira ordenada como eles saíram se reúnem ao redor de uma das rotundas da praça, na qual está colocada uma placa a maneira de memorial, lembrando a morte de um integrante durante um confronto

[8] Neste sentido vale a pena ressaltar que esta disciplina nem sempre é seguida. Em algumas oportunidades pude observar diversas cenas de violência provenientes dos próprios Magermanes. Porém, coloco esta idéia de organização e disciplina, pois apesar de que alguns Magermanes assistam, às vezes, à marcha em estado de ebriedade e seu vocabulário seja ofensivo em extremo em relação ao presidente e aos órgãos do poder, existe uma ordem que é seguida até por eles. Ordem sob a responsabilidade dos quadros encarregados da segurança ao interior da marcha.

[9] Que pode ser ronga também. Aqui apenas uso changana, pois é a resposta dos dirigentes ao serem consultados pela língua dos cânticos.

com a polícia em 2003, e realizam uma missa de encerramento da manifestação, enquanto todos os manifestantes se tomam as mãos formando um círculo fechado em torno do memorial. No centro o pastor que iniciou a marcha como pregador, encerra com a seguinte oração: "... Nós fomos chamados pelo Senhor para romper o silêncio, nós não ficamos em nossas casas como outros, nós somos os escolhidos para lutar pelo nosso país, contra a injustiça, pois nós somos a força moral que mudará os destinos do nosso país..." Daí um minuto de silêncio pelo manifestante morto e logo cada um realiza sua oração de acordo com a religião a que pertence. Ao finalizar a marcha, grande parte dos participantes vai embora da praça ficando apenas aos dirigentes e o grupo de combatentes.

São estas marchas as que se inserem na "crítica" que tanto o governo, como a imprensa e inclusive algumas personalidades fazem deste coletivo. Em uma cidade na qual as relações sociais parecem estar auto-reguladas e manifestações de descontentamento social não adquire forma específica de protesto, a impressão que causa ver um grupo de 200 pessoas gritando e cantando de maneira disciplinada[10]; a aceitação e o respeito pela hierarquia estabelecida para liderar e coordenar o trajeto que atravessa o núcleo central da cidade; a sincronização de todos na marcha… ao interpelar a um dos dirigentes, ele me responde "isto aprendemos na Alemanha" e acrescenta "o moçambicano está debaixo da média, nós ao invés, estamos acima da média". Estas duas expressões aludem de forma alguma ao fato de que em Moçambique existe uma passividade e, por vezes, temor por parte dos setores sociais de demonstrar seu descontentamento, exigirem seus direitos e reclamar contra as injustiças, o que transformaria a este coletivo em uma espécie de "grupo escolhido". Esta atitude com perfil messiânico chama a atenção, pois se reflete nesta disciplina durante toda a marcha. Não sou adepto a usar o termo "performático", pois muitas vezes desvia a atenção do conteúdo da ação para uma percepção estética, no entanto para este caso, são precisamente estas marchas, as formas que assumem; seu planejamento detalhado; a ordem e auto-regulação ao interior do grupo

[10] No entanto se deve destacar que em várias oportunidades tive que assistir a momentos de violência manifesta, como foi o caso de alguns Magermanes quererem entrar na SOCREMO, ou quando alguns motoristas de chapas cortavam o percurso da marcha. Nestes momentos eram os encarregados da segurança da marcha assim como os dirigentes quem intercediam para evitar momentos de maior violência. Outro elemento importante de mencionar é o fato de alguns dos integrantes assistirem nestas marchas em estado de ebriedade o que potenciaria em muitos casos a possibilidade de confrontos com uso da violência física e verbal manifesta.

durante todo o percurso, pois demora: cinco horas! Tudo isto seria sua marca distintiva, sua imagem para o exterior, depois o discurso constestatário e ousado, manifestado nos cânticos em changana e consignas em português, demonstra uma coerência imperturbável.

Nas diversas marchas às que tive oportunidade de assistir, pude identificar alguns dispositivos de visibilidade, além da presença mesma dos manifestantes. Neles pude também constatar a presença de elementos de temporalidade que nos permitem inferir um vínculo entre passado e presente. Um dos principais pode-se dizer que é o uso das bandeiras. Estas não são usadas unicamente como um distintivo identitário, como é o caso da bandeira da antiga RDA, também são usadas como um dispositivo provocador, como é o caso das bandeiras dos Estados Unidos e antigamente a da RENAMO. Para o primeiro dos casos, o uso da bandeira dos Estados Unidos me foi explicado da seguinte maneira: "Os Estados Unidos invade países para impor a democracia, então nós queremos que invada Moçambique para impor a democracia aqui, pois é melhor viveres colonizados por estrangeiros que seres explorados e tratados como escravos pelos próprios irmãos"[11]. Para o caso da bandeira da RENAMO, durante as eleições presidenciais de 1999, se estabeleceu uma aliança entre um grupo considerável de Magermanes do grupo de pressão, localizados na praça, e este partido. A partir desse momento, e apesar de que não todos os Magermanes aderissem à RENAMO, o uso da bandeira deste partido foi pensado da mesma forma que a bandeira dos Estados Unidos, pois a RENAMO se pensava como a única fração política capaz de fazer frente ao poder da FRELIMO. À diferença da bandeira dos Estados Unidos, a da RENAMO não é usada na atualidade, de fato seu uso foi relativamente breve, pois gerou não apenas desconforto entre a população de Maputo, mas, sobretudo ao interior da organização, pois apesar de não estarem com a FRELIMO, muitos de seus integrantes também não se sentiam representados pela RENAMO, então para evitar maiores frações se desistiu no uso desta última bandeira.

Em relação à bandeira da antiga RDA, devo destacar que ao momento de participar pela primeira vez em uma marcha Magermane, esta foi

[11] Neste sentido deve-se salientar que nas primeiras conversações com alguns Magermanes, eles definiram sua afetação para ir a trabalhar em Alemanha como um sistema moderno de escravidão, sobretudo pela maneira como foi realizado o processo de recrutamento e envio dos trabalhadores. Contudo deve-se reconhecer que o uso desta bandeira esta associado diretamente com as guerras do Afeganistão e Iraque iniciadas pelos Estados Unidos desde 2001.

substituída pela bandeira atual da Alemanha. Ao ser consultado sobre esta mudança de distintivo, Magalhães, outro dirigente, responde que a República Federal da Alemanha é também responsável pela situação de precariedade que eles vivem, e o uso então desta bandeira representa uma atualização do chamado a assumir este compromisso. Em outro momento, este mesmo dirigente comenta que a bandeira da RDA se desgastou pelo uso contínuo e que estava sendo consertada, por tal razão não foi usada nessa marcha. Já na segunda marcha, esta bandeira apareceu junto das da República Federal. É interessante observar que, enquanto as bandeiras da RFA foram confeccionadas no último tempo, a da RDA acompanha as marchas dos Magermanes desde o início, fato que pode ser observado à simples vista, ao contrastar esta bandeira pela sua palidez e desgaste frente às outras de cores vivas e em diversos tamanhos. Por outro lado, fora do caráter identitário que esta bandeira possa envolver, cabe ressaltar também sua disposição confrontacional, pois é usada para acompanhar as consignas e os cânticos ofensivos dirigidos à cúpula do poder. Neste sentido na relação entre identidade e conflito está marcada de maneira explícita a diferença do uso das outras duas bandeiras que requerem, por um lado, de uma elaboração maior para justificar seu uso, como é o caso da bandeira dos Estados Unidos e, por outro, são usadas temporariamente para marcar uma conjuntura, uma especificidade política momentânea, como foi o caso do uso da bandeira da RENAMO[12].

Em suma, o uso de bandeiras nestas marchas comporta elementos de temporalidade que se manifestam tanto de maneira estratégica como tática. Observado desde uma perspectiva diacrônica, podemos constatar que existe um constante processo de atualização, que por um lado procura renovar a reivindicação principal, ou seja, o direito ao reembolso das transferências de dinheiro que eles realizaram durante sua estadia como trabalhadores na Alemanha Democrática no período socialista, e que segundo sua versão, foi desviado para uso pessoal por funcionários da FRELIMO, demarcado pelo uso contínuo da bandeira da RDA e atualizado na bandeira da RFA; e, por outro, a disposição de criar alianças efêmeras (bandeira da RENAMO) e inclusive imaginárias, como é o caso da bandeira dos Estados Unidos, cuja incorporação no imaginário Magermane só é compreensível a partir

[12] Cabe destacar que na atualidade, um número indeterminado de Magermanes é adepto à RENAMO, incluindo ao secretário da organização que se reúne na praça, o qual é membro dirigente da seccional de Maputo.

de sua lógica, pois qualquer analista político que desejasse entender o porquê de ver juntas uma bandeira da antiga RDA e outra dos Estados Unidos em uma manifestação de repúdio ao governo, não conseguiria encontrar o vínculo à simples vista. Outro elemento importante de ressaltar é o fato de que em nenhuma das manifestações aparece a bandeira de Moçambique. Uma possibilidade para entender a não incorporação desta bandeira pode ser explicada através de um evento histórico, que foi o fato desta bandeira representar FRELIMO durante todo o período socialista e que depois do acordo geral de Paz e as primeiras eleições multipartidárias, se transformou na bandeira nacional. No entanto, o importante desta exclusão aqui é que reflete a animosidade deste grupo em relação ao governo. Inclusive, se vinculássemos esta escolha aos relatos que os próprios Magermanes constroem nas suas narrativas da injustiça, parece ser que o preferir a bandeira alemã à moçambicana constitui um ato performático que pretende visibilizar um sentimento de pertinência, uma lembrança atualizada que fala de melhores tempos passados, um refúgio onde a memória iconográfica procura reconhecer-se através deste objeto com uma identidade negada e/ou marginalizada.

Dentre os dispositivos identificados nas manifestações temos também os cânticos e as consignas, aqui se acham também outros elementos de temporalidade. Aqui transcrevo alguns deles:

Em Changana:

> (1) "Ha Wa Hifela mona uhankongo Lwe"
>
> (2) "Guebuza uhi dlhaele Machel uta sala uýwa... Chissano uhi dlhlaele Machel uta sala uýwa... Frelimo uhi dlhlaele Machel uta sala uýwa..."
>
> (3) "A vano lava ipsi guevengo"
>
> (4) "A mali ya reforma vanga teka vada vanhangongo lava, va hifela mona"
>
> (5) "...Frelimo uya frelimar a kaiya wena himali le hingayitirela, loko vaku langa ou presidente uya presidir akasa ka wena himale le hingaytirela..."[13]

[13] (1) "Mostra-nos cinismo estes filhos da mãe"

(2) "Guebuza mataste Machel para ficar a roubar... Chissano mataste Machel para ficar a roubar... Frelimo mataste Machel para ficar a roubar..."

(3) "Esta gente é criminosa"

(4) "O nosso dinheiro da reforma comeram estes filhos da mãe e demonstram cinismo"

(5) "... Frelimo vai frelimar na tua casa com o dinheiro que nós trabalhamos... presidente vai presidir na tua casa com o dinheiro que nós trabalhamos..."

Em Português:

> Aonde está o povo? O povo esta a dormirem, a serem maltratados... Acordem!!!
>
> Guebuza, Chissano... Queremos nosso dinheiro!!! Frelimo, Socremo... Queremos nosso dinheiro!!!
>
> Abaixo Guebuza!!! Abaixo!!! Viva Magermanes!!! Viva!!! Abaixo o governo da Frelimo!!! Abaixo!!! Viva Magermanes!!! Viva!!!

Durante todo o percurso da marcha, tanto os cânticos como as consignas, somadas aos cartazes, manifestam de maneira explícita a injustiça cometida contra eles e tentam explicar de maneira simples um conflito muito complexo. Aqui um dos elementos de temporalidade que sobressai é o vínculo que este grupo estabelece entre Samora Machel e os dirigentes da FRELIMO atuais e contemporâneos à morte do líder carismático da luta de libertação. Colocando os atuais dirigentes da FRELIMO como gente criminosa, cínica, ladrões e assassinos... "Mataste a Machel para ficar a roubar"... A conotação de ordem moral neste cântico é manifesta, e pretende colocar a morte de Machel como o evento que marca a transformação da cúpula do poder de libertadores e modernizadores do país, em corruptos e vigaristas[14]. Em um dos cartazes usado nas marchas, aparece a consigna "vamos morrer a defender nossos direitos", que pode ser entendida como uma sorte de projeção, um desejo manifesto de emular a seu líder morto. Talvez o socialismo moçambicano só existiu enquanto Samora Machel viveu, então entenderíamos que este socialismo fora de ter um forte conteúdo ideológico, teve por sobretudo uma forte conotação moral[15], personificada neste líder, o qual inclusive na atualidade é usado como um *alter ego* onipresente, um exemplo daquilo é a frase "se Machel não tivesse morrido, tudo isto não teria acontecido", como se o processo de transformação social moçambicano dependesse de maneira excepcional de uma pessoa, de um indivíduo carismático e poderoso, pois se ele estivesse vivo

[14] Jaime Matola, assim como a totalidade dos Magermanes com quem tive a oportunidade de conversar, fizeram questão de se intitular como filhos de Machel.

[15] A figura de Samora Machel pode ser pensada também como um dispositivo que ativa mecanismos de inclusão e exclusão, e inclusive até de auto-exclusão, não obstante o que realça a presença de Samora Machel como dispositivo é a força integradora que ainda possui no imaginário coletivo de Moçambique. Machel é usado para explicar a corrupção, para recalcar uma conduta irrepreensível ao longo do tempo em relação a alguns quadros ou personalidades, é usado como evento para separar tempos específicos entre um antes e um depois…"em tempos de Machel isto não acontecia", enfim, a morte de Machel contínua explicando inexoravelmente a atualidade moçambicana. Não é de surpreender, então, que os Magermanes incorporem a imagem de Samora Machel nas suas reivindicações, sobretudo se entendemos que eles foram enviados precisamente por este líder para Alemanha.

hoje não haveria corruptos, não haveria ladrões, não haveria vigaristas, etc. "Mataste Machel para ficar a roubar..." De alguma forma a morte de Machel é colocada como uma grande traição, a mesma traição que sofreram eles com suas transferências. Com Machel não teriam perdido seu dinheiro, não lhes teriam roubado, em suma, não passariam pelo sofrimento que estão vivendo e não estariam na precária situação na qual se encontram.

Outro elemento de temporalidade constitui-se na exigência expressa de pagamento de sua aposentadoria... "O nosso dinheiro da reforma comeram estes filhos da mãe, e demonstram cinismo"... Em outro momento me estendo sobre o problema das transferências detalhadamente, aqui só tentarei estabelecer o vínculo entre dinheiro e reivindicação durante a marcha, um possível *porque* de colocar expressamente a devolução do dinheiro de sua aposentadoria e não – a modo geral - das transferências cuja totalidade ainda não foi reembolsada de maneira íntegra. De alguma forma o elemento idade tem aqui um papel[16]. Em todo momento a força da reivindicação foi centrada na devolução do dinheiro com um ato de justiça... "Devolvam a nossa dignidade!"... "queremos nossos direitos!"...[17] Aqui *dignidade* e *direitos* ocupam de maneira eufemística o lugar do dinheiro. Uma possível interpretação para esta metáfora seria entender que hoje em dia parece mais fácil apelar ao direito de reforma ou aposentadoria precisamente colocando de maneira explicita a avançada idade dos querelantes, e desta maneira criar um vínculo no imaginário tradicional de respeito aos velhos. Este fato se entende quando estes confrontam as poucas propostas de inserção ao mundo laboral vindas de parte do governo. A última destas foi feita durante o período que durou minha estadia em Maputo e consistiu em enviar os Magermanes para trabalhar na extração, entre outros, de titânio em "Areias Pesadas" na região do Chibuto na província de Gaza[18]. Dias depois de o anúncio ter aparecido no jornal "Noticias", o cartaz que liderava a marcha se intitulava "Primeiro...

[16] A idade média exigida para trabalhar na Alemanha era de aproximadamente 22 anos (entre 18 e 25 anos eram os exigidos aos postulantes). Isso em 1979, hoje em dia nós encontramos com indivíduos cuja média de idade é de aprox. 40 anos. As possibilidades de encontrar hoje um trabalho fixo e seguro para estes indivíduos, homens e mulheres, são quase nulas, mas inexistentes.

[17] Em relação ao primeiro cartaz, Zeca Cossa, presidente da atual Associação, deu a seguinte explicação: "Somos vítimas do sistema, levaram-nos para Alemanha, não podemos estudar. Comeram os nossos salários. Agora estamos pobres e ainda somos marginalizados, somos chamados "madgermen". Nós queremos que nos devolvam a nossa dignidade para sermos tratados como todos os cidadãos, sem distinção".

[18] Outro momento foi relatado também por Jaime Matola e fazia referencia ao desejo do governo de enviar aos Magermanes trabalhar em Dubai. Parecera que estas duas propostas de "reinserção" laboral apontavam, sobretudo a abafar a luta reivindicativa deste grupo enviando-lhes fora da cidade.

Salários, Areias Pesadas Depois!"..., seguido dos cartazes enunciados anteriormente. A necessária atualização da reivindicação, desta vez deixando de manifesto que o problema é de ordem monetária, coloca que a questão da idade é um elemento importante no imaginário Magermane, principalmente se entendemos que esta situação vincula elementos do mundo tradicional com elementos entendidos como modernos, como é o caso do respeito pela velhice associado à restituição da sua dignidade e a recuperação dos seus direitos através da devolução do dinheiro da reforma.

OS SENTIDOS (INCERTOS?) DO DINHEIRO

Como dizia, na minha convivência cotidiana com este grupo de Magermanes durante os dois meses de campo, o dinheiro, ou melhor, dito, os diversos sentidos em que este foi e é definido, atuou em todo momento como um princípio ordenador dos seus relatos. O "mito de origem" do conflito entre estes e o governo se sustenta no desvio – roubo por parte do governo, das transferências de dinheiro feitas por estes trabalhadores durante sua permanência na Alemanha. Uso a expressão "mito" em relação ao fato de não existir uma espécie de "história oficial" em torno deste evento e, portanto, estaríamos obrigados a confrontarmos com as interpretações que existem dele. Pode parecer exagerado o uso deste termo, no entanto mais adiante veremos sua pertinência[19]. Não entanto, o fato de não existir uma "história oficial" sobre o assunto, ou seja, um relato coerente no qual apareçam os sujeitos claramente definidos, assim como suas ações e responsabilidades, abre um espaço de disputa onde as diversas versões competirão pela validade e veracidade dos seus conteúdos.

Porém, antes de continuar nesta linha de reflexão, se faz necessário explicar grosso modo de que dinheiro se está falando. Em 1990, se encontravam em Alemanha 16500 moçambicanos[20], a maioria com uma estadia

[19] Neste sentido reivindico a noção de mito que Gluckman utiliza, usando a experiência de Malinowski: "De aquí él dedujo que un mito podía ser muy bien no una respuesta intelectual de los hombres perplejos por los misterios del mundo, sino una "carta social" para definir los derechos y privilegios de ciertos grupos y personas sobre determinadas posiciones de poder social y derechos especiales de propiedad.", en GLUCKMAN, Max: Política, derecho y ritual en la sociedad tribal. Madrid: Akal Editor, 1978. p. 45.

[20] No relatório de Müggenburg, segundo as estatísticas oficiais, do ex-ministério do interior da RDA, até dezembro de 1989 tinham sido contabilizados em torno de 15.000 moçambicanos. Segundo Oppenheimer, entre 1979 e 1989 passaram pela RDA 21.600 trabalhadores moçambicanos, entre homens e mulheres. Müggenburg, Andreas: Die ausländischen Vertragsarbeitnehmer in der ehemaligen DDR, em: Berliner Referat der Beauftragte der Bundesregierung für die Belange der Ausländer, Berlim 1996.

de dois e quatro anos, embora existissem muitos mais com um tempo superior aos oito anos de permanência. Isto que a simples vista parece a enumeração de uma simples operação matemática, na realidade adquire uma dimensão muito mais complexa ao ser confrontada com as versões sobre o tema. O processo de repatriação foi abrupto pela decisão unilateral do governo alemão de devolvê-los, mas, sobretudo foi caótica e traumática, pois a FRELIMO não se encontrava em condições de receber de repente tantos trabalhadores ao mesmo tempo em Moçambique. Ao retornar encontraram m país desintegrado social e economicamente e assolado por uma guerra fratricida. Sua situação de privilégio inicial, já que muitos apesar deste retorno acelerado conseguiram organizar contêineres para trasladar seus bens materiais acumulados, foi decaindo em uma situação de galopante empobrecimento. Logo do primeiro ano de retornados, sem as transferências reembolsadas na sua totalidade e obrigados a vender seus bens trazidos para poder subsistir, se começa a gerar um mal-estar generalizado, o qual se traduzirá na busca de culpados para sua situação. Começam a se acentuar os relatos sobre usos indevidos e desvios do dinheiro por parte de integrantes do ministério do trabalho e membros da FRELIMO. Estes relatos serão assumidos como verdadeiros e usados como explicação do problema, frente a um silêncio geral de parte do próprio estado, excetuando aos poucos interlocutores que o governo colocou inicialmente para mediar, porém insatisfatoriamente, a situação.

Deparamo-nos aqui com a primeira questão a ser refletida: a maneira como as informações recebidas são assumidas sem uma necessária verificação em relação a sua veracidade, parece estar determinada pelos diferentes níveis de confiança que se estabelecem frente à autoridade nos diferentes espaços de negociação. Neste sentido me remeto a uma comunicação pessoal entregue pelo Dr. José Luis Cabaço, ministro de transporte e telecomunicações de Moçambique até 1992, o qual me sugeria pensar que a relação entre fato e verdade estaria muito mais marcada pelo tipo de vinculo que se estabelece entre os interlocutores e não tanto assim pela veracidade do fato. Neste caso a veracidade de um relato não é justificada necessariamente pelo fático, mas em grande medida pela autoridade da pessoa que relata. Assim sendo, o real seria definido pelo tipo de relação existente entre os interlocutores e não necessariamente por um critério de verificabilidade cartesiano, ao qual acostumamos utilizar para comprovar um acontecimento ou fenômeno. Desta maneira, parece que se prescinde do narrador original e se dá maior atenção ao relato, pois este primeiro não seria questiona-

do. Para o caso dos Magermanes os níveis de confiança se sustentariam, em primeira instância, a partir da experiência imediata compartilhada: por um lado, sentir-se traídos pelos seus superiores, por outro as novas relações de confiança e hierarquia que se criam a partir da experiência anterior, na Alemanha, onde os que agiam como responsáveis das brigadas de trabalho ou faziam de interprete, voltando a Moçambique, assumirão a liderança nas poucas negociações que se estabelecerão com o governo. O abuso de autoridade é respondido assim com a criação de laços de confiança com outra autoridade[21]. Daí poder-se-ia inferir porque as histórias de roubo e desvio das transferências são privilegiadas a uma possível versão oficial de parte do governo responsável, que por sua vez também não realiza um esforço para esclarecer o assunto, alimentando com isso estas narrativas da injustiça. Com efeito, a não existência desta "história oficial", coloca o governo em uma situação paradoxal, pois ao silenciar o fato de não haver reembolsado os valores correspondentes às remessas feitas por cada trabalhador, contribuiu para fortalecer a já assentada insatisfação e o repúdio de parte destes trabalhadores, os quais já em 1990 começam a reunir-se nos arredores do ministério do trabalho para exigir o que, segundo eles, lhes corresponde.

A importância de colocar esta questão como "mito de origem" do conflito, se sustenta em dois momentos entre se independentes, os que, no entanto, desde uma perspectiva diacrônica permite ver certa semelhança na forma como estes momentos são abordados pelos meus interlocutores. O primeiro momento o constitui quando ao confrontar a pouca informação oficial em relação às transferências, o acesso aos registros e mapas salariais que pudessem insinuar alguma quantidade especifica do dinheiro em disputa, foi "inoficialmente" obstruída. O outro momento, um dos dirigentes Magermane me entregou uma pasta com uma série de informações oficiais, dando ênfase ao fato de que ali se encontrariam as provas que sustentariam toda sua reivindicação. Ao revisar este dossiê, a única informação que colocava de maneira explicita uma quantidade concreta de dinheiro, era a fotocópia de uma página de um relatório entregue pela embaixada alemã no ano 2003. A petição da Assembléia da República, no qual aparece a entrega de 300 milhões de dólares de parte do governo alemão ao governo moçambicano para ser distribuídos entre os antigos trabalhadores

[21] Esta situação se verá mais adiante e, sobretudo na relação a sua aliança "estratégica", mesmo que temporária, com a RENAMO.

retornados e, junto com isso, a entrega adicional de um montante de 84 milhões de dólares por conceito de seguro social, cujos beneficiários seriam os mesmos trabalhadores. Este segundo momento merece particular atenção, pois ao ser consultado sobre o resto do relatório, a resposta foi que eles não tiveram acesso ao relatório na íntegra e que se tinham essa fotocópia era devido à solidariedade de um funcionário da embaixada que a teria entregado "às escondidas" para eles.

Dois momentos, duas versões… afinal a incerteza… talvez se deva pensar esta situação de outro ângulo. No primeiro momento, falo de uma "obstrução inoficial", pois nunca existiu uma ordem expressa de proibição de acesso aos arquivos do ministério, mesmo que o relato recorrente dos Magermanes fosse, em todo momento, que "eles esconderam os arquivos com a nossa informação". Não querendo assumir esta informação como a única, recorro aos funcionários do Arquivo Nacional de Moçambique. Em particular, em uma conversa com um dos responsáveis deste arquivo, este fez menção ao fato de que seria muito difícil aceder aos arquivos do ministério do trabalho, não tanto por uma questão de segurança do estado, e sim pelo fato de que não encontraria nenhum funcionário que quisesse assumir a responsabilidade no caso de eu encontrar informação que pudesse corroborar a versão Magermane. Neste sentido, parece interessante pensar o conselho que este funcionário me deu, atravessado por este critério de autoridade em relação ao uso de informações, sobretudo pensá-lo fora da esfera de inferência Magermane.

No segundo momento, o que mais impressiona é a maneira como este dirigente sustenta toda sua argumentação com esta fotocópia. Obviamente faz-me entender que não é qualquer fotocópia, é a cópia de uma página tirada de um relatório elaborado pela República Federal da Alemanha e, portanto teria um peso maior do que as poucas informações entregues até esse momento pelo governo moçambicano. Concretamente, desde o primeiro encontro com os Magermanes na praça, fica registrado que é a partir deste dado que suas demandas e reivindicações são articuladas. Não obstante, sua luta reivindicativa é anterior a esta informação. Qual séria a base argumentativa antes de 2003, antes que a informação chegasse de Alemanha para confirmar a veracidade de sua versão da história? É possível pensar uma luta que reivindique direitos, "sem saber exatamente" quais são esses direitos? Existe um montante confirmado por este fragmento de relatório fotocopiado, o que não aparece nesta página é que este dinheiro seja o montante debitado pelo governo moçambicano aos seus

antigos trabalhadores na Alemanha, mas se faz menção unicamente ao fato que o governo alemão com a intenção de resolver sua dívida com o governo moçambicano, e isto significa sem dúvidas a presença destes trabalhadores neste país, entrega a soma mencionada acima e, com isso, dar por fechado este capítulo controvertido. Parece ser que até o 2003 as reivindicações estiveram sustentadas, maiormente nos relatos sobre o roubo ou desvio do dinheiro e sobre como seus supostos beneficiários se tornaram grandes empresários com dinheiro alheio, a despeito de reunir provas "irrefutáveis" deste fato.

Um fenômeno a destacar é que precisamente a partir do ano 2003, o conflito adquire um perfil mais contestatário e combativo de parte desta coletividade e ao mesmo tempo, mais repressiva de parte do governo. Outro dado importante é o fato de que até antes do ano 2003, a visibilidade deste coletivo esteve marcada sempre pelas marchas nas ruas da capital, mas também pelas confrontações esporádicas com a polícia e os problemas de violência e roubos provocados pela situação de marginalidade à qual foram empurrados, imediatamente depois do seu retorno. Durante esse período os artigos de imprensa, ao referirem-se à situação deste grupo, os associavam ao recrudescimento da violência na capital do país. Roubos, assaltos e confrontações entre a população de Maputo e Magermanes, devido à disputa pelos bens materiais trazidos por estes últimos. No entanto, é evidente que fora destas histórias de agitação e violência social, as reivindicações deste coletivo conseguiram sobreviver ao sensacionalismo jornalístico e ao silêncio institucional. De fato, na memória revivida pelos Magermanes, são recorrentes os relatos sobre a continuidade da luta. Esta memória parece uma tentativa de coletivizar um passado comum, em uma realidade atual dispersa e atravessada por outra série de eventos alheios à própria reivindicação. Em relação a este passado pensado como comum, Lazaro Magalhães, um dos dirigentes deste grupo de Magermanes reunidos na praça, que, aliás, se orgulha ao dizer que está desde o começo, nos relata:

> ... Inicialmente, cada um resolvia sua situação com o ministério do trabalho. Todos recebemos algo de dinheiro e desde um começo todos perceberam que o reembolsado não era o esperado e começaram a reclamar, porém sempre de maneira individual. O problema principal foi que ao chegar em Moçambique, o encarregado do ministério do trabalho retirou os mapas salariais com a porcentagem das nossas transferências confeccionado pelas empresas alemãs. Nós, sem desconfiar, os entregamos esperando que com este docu-

> mento nosso dinheiro fosse reembolsado. Tempo depois percebemos que o dinheiro não estava sendo entregue da maneira esperada, e não tínhamos como comprovar que o montante não correspondia. Esta situação se prolongou os primeiros anos. Lentamente, começamos a ver que o problema não era individual, ao encontrarmos continuamente nos corredores e na entrada do ministério. Daí decidimos organizarmos frente ao ministério para exigir coletivamente uma solução ao nosso problema.

Desde o outro extremo do conflito, o silêncio inicial de parte do estado será contestado pelo questionamento de parte do legislativo, o qual desde as primeiras eleições multipartidistas abriga ao seu oponente político: a RENAMO. Este partido, em uma tentativa de debilitar o poder da FRELIMO[22], assumiu a representação, no parlamento, dos interesses dos até aí marginalizados, embora bem organizados Magermanes. O resultado foi a elaboração e aprovação em Maio de 2003 da resolução 11/2003, que obrigou ao governo a comprometer-se em dar uma solução definitiva ao diferendo de anos com este coletivo. A resposta mais visível dada pelo governo, a encontramos em uma série de artigos de imprensa publicado nas manchetes do diário "Notícias", durante 2004. Estes artigos parecem ser a única versão oficial de parte do governo sobre o problema, neles, junto com desacreditar as ações dos "revoltosos" como foram chamados por ocupar a Assembléia da República e a embaixada alemã em Julho de 2004, o que mais chama a atenção é o uso do argumento de ordem monetária, também pouco concludente, para contrapor-se à versão Magermane. Resumidamente, a informação entregue ao público se refere à entrega de 237,7 bilhões de meticais efetuados a uma totalidade de 15477 trabalhadores retornados, que cumpriam com os requisitos exigidos pelo ministério. No entanto, ao detalhar esta mesma informação no jornal, sobretudo a maneira como este reembolso foi e seria realizado (se dividiu a soma em cinco tranches de 16,6; 15,6; 14,5; 12,3 e 25,9 bilhões de meticais, respectivamente), estes montantes não chegam a completar a soma indicada mais em cima. Já no ano 2001, depois de muita pressão por parte dos Magermanes e vendo que a repressão infringida pelo governo não sossegava os ânimos dos querelantes, este fez entrega de 7,5 milhões de dólares

[22] Para ter uma visão mais ou menos detalhada da relação entre a Frelimo e a Renamo, principalmente em relação ao conflito visto desde uma perspectiva endógena, ver GEFFRAY, Christian. *A causa das armas*. Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Porto: Afrontamento, 1991. CAHEN, Michel: *Os Outros*: um historiador em Moçambique 1994/Basel, Suiza, 2004.

sem dar maiores detalhes de como. Adicionando talvez este montante completar-se-ia a soma esperada na informação entregue pelo jornal, porém esta é contestada novamente pela versão dos Magermanes que fala de um total de 384 milhões de dólares entregues pelo governo alemão e confirmado pelo relatório que este mesmo governo teria entregado ao parlamento moçambicano. A sensação a respeito desta informação é novamente de incerteza, pois nem sequer usando um conversor profissional de divisas poderíamos chegar a estabelecer uma relação entre o dinheiro reembolsado efetivamente e as quantidades publicadas. Cabe destacar que um dos argumentos mais usados nas esferas públicas para explicar este efeito de desconcerto é entender que neste período Moçambique vivia uma inflação galopante.

Contudo, a reflexão aqui não pretende elucidar estas dúvidas de ordem monetária e sim apontar em outra direção. As duas versões esboçadas aqui, se bem apontam a definir posições em um conflito que pretende ser de ordem estritamente econômica, ao realizar uma segunda leitura e, desta vez, prestando maior atenção aos relatos recolhidos na praça durante os intermináveis *hanging out* com os Magermanes, veremos como estas posições são atravessadas por outras noções, menos de ordem monetária e mais de ordem político social, nas quais as idéias de bem-estar material e social, conceitos de moral e justiça; dignidade e direito parecem matizar e, até certo ponto, reorganizar o discurso reivindicativo deste grupo. Como uma maneira de exemplificar o que quer ser tratado aqui, tentarei contrastar minha ansiedade analítica por entender o diferendo desde uma lógica econômica, à simplicidade nas respostas dos meus interlocutores. Na maioria dos casos, quando eram consultados sobre o montante das suas transferências, quanto ganhavam mensalmente na Alemanha ou, simplesmente, sobre quanto tinham recebido já de parte do estado, as respostas eram sempre vagas, alguns não lembravam com exatidão, misturavam marcos alemães, dólares e meticais; nem sequer os próprios dirigentes puderam dar uma informação concreta ao respeito. Contrariamente, cada vez que se referiam ao seu passado, o faziam de maneira nítida, contando experiências em detalhe, inclusive anedotas relacionadas a problemas de discriminação sofrida durante sua estadia na Alemanha. Em relação a sua vida em Moçambique, se orgulhavam por serem os únicos em fazer frente à FRELIMO, de fato o governo teria mais medo deles do que da RENAMO; tentavam convencer-me que eles eram os chamados a resolver os problemas do país por estar "acima dá meia"; sua atitude de desobediência civil, aprendida segun-

do eles na Alemanha, tinha-lhes ensinado que pressionando se conseguem as coisas, assim como o fato de que o contexto determinaria a estratégia a seguir. Um elemento que chamou a atenção foi que apesar de que muitos deles não tivessem um trabalho fixo - pelo fato de ser Magermanes - estavam presentes em muitas esferas da vida pública, ora como polícia ou soldado, porteiro de condomínio ou hotel, taxista, ora em alguns casos inclusive até pequenos empresários e profissionais liberais. Em relação aos afazeres da coletividade, abundavam as histórias sobre coletivismo, participação e camaradagem.

Nesta contraposição dos relatos encontramos certas nuances que podem ser vistas, por um lado, no grau de imprecisão em relação aos aspectos contábeis do dinheiro: montantes, salário, moedas e reembolsos. Por outro, o grau de nitidez com que me foram relatados os eventos da vida passada e presente, os quais traziam implícita a presença do dinheiro (viajar, se vestir elegantemente, comprar bens de consumo sofisticados, etc.). Tudo isto em meio de um conflito latente e inconcluso, atravessado por um discurso militante carregado de antagonismos e julgamentos de ordem moral sustentados nas suas narrativas da injustiça… *'Os condomínios da Costa do Sol foram construídos com nosso dinheiro"… 'O Banco Austral, o BCE e a SOCREMO foram criados com o nosso dinheiro."* etc. Paralelamente, em muitos casos tive que conviver com certo desconforto ao ouvir as histórias sobre o roubo do dinheiro por parte da FRELIMO e um silêncio quase total em torno ao dinheiro de uso cotidiano, este dinheiro necessário para resolver os problemas do dia-a-dia, pois está claro que nenhum deles vive do ar. É evidente também que muitos resolvem este problema de maneira informal ou com *bicos* quando aparece, em alguns casos até de maneira ilícita[23]. No entanto parece que falar desta situação poderia questionar a validade ou relativizar a força da reivindicação em relação ao dinheiro que segundo eles ainda teriam direito ou o que é pior questionar sua integridade como indivíduos ao diminuí-los social e economicamente. Neste sentido, o mais significativo para entender este silêncio é pensá-lo não como uma falta deliberada de coerência de parte dos meus interlocutores, mas sim entender que na sua lógica a dignidade não passa apenas por um estado de reconhecimento social, pelo contrário a recuperação de sua dignidade, sendo mesmo uma

[23] Em uma ocasião teve a oportunidade de presenciar uma discussão entre dois Magermanes. Era uma discussão agressiva, discutiam em changana, quando perguntei, um dos dirigentes me explicou que os dois eram muçulmanos e um deles estava vendendo droga nos dias de Ramadan, razão pela qual o outro enfureceu e queria expulsá-lo da praça.

condição social a ser conquistada, é condicionada necessariamente à devolução do dinheiro a que teriam direito. Neste sentido, a dignidade deixa de ser uma reivindicação de ordem "puramente" moral, mesmo que no seu discurso fique manifesta, e é colocada em igual hierarquia com a reparação de ordem concretamente material. Daí, talvez, a nitidez e minuciosidade nas lembranças do seu passo pela Alemanha e os primeiros anos de volta em Moçambique, todas elas fazem referência a tempos de bem-estar material, a uma situação de excepcionalidade nas suas histórias de vida. Daí também o apego a estas narrativas da injustiça e seu persistente ódio às estruturas do poder, colocado como o responsável imediato da sua miséria não apenas material.

MAGERMANES: OS HOMENS NOVOS DO PASSADO? PRIMEIRA REFLEXÃO

Que faz a um Magermane? Haver estado na Alemanha. À simples vista, esta resposta parece resolver esta questão identitária. Em uma segunda leitura, vemos como este "haver estado na Alemanha" traz consigo um leque impressionante de implicações. Significa também as reminiscências nostálgicas de uma "boa-vida", implica também a aprendizagem ou confronto com uma moral de trabalho "exótica", "realmente socialista"; implica, além disso, o contato com pessoas que pensam e exercem sua cidadania, seu direito a participar do público, de "maneira diferente". Pessoas que vem o mundo com outros prismas. Implica também o retorno e o enquadramento, uma marginalidade compulsiva contra a qual se deve lutar para sobreviver; implica o reencontro, depois de anos de distância, com seus familiares e o confronto com seus universos cognitivos e costumes, com as expectativas criadas e alimentadas durante todo este tempo de separação. Implica, por, sobretudo, a busca de reconhecimento, uma luta por recuperar uma dignidade roubada, junto com seu dinheiro.

Assim sendo, esta pergunta inicial não interpela apenas uma adscrição identitária que possa ser resolvida simplesmente por haver estado naquele país europeu, hoje extinto. Ao invés, nos obriga a entender esta adscrição inserida em um jogo cruzado, dentro do qual identidade e memória se atravessam, configuram e justapõem, sob um contexto de conflito, o qual atua como elemento constituinte dos processos de significação da realidade social, na qual se inserem. Neste sentido, parece pertinente antecipar que o fato de apresentar o discurso e a visão dos Magermanes de maneira

genérica, não significa representar sua posição política, pelo contrário trata-se de colocar esta posição como uma tentativa de reconhecer neste fenômeno a existência de um sujeito político de caráter fortemente identitário, alimentado por um processo seletivo de memória, o qual por sua vez vai delimitando processos de identificação e pertença, mas também de alteridade e desenraizamento. Pensar também este sujeito político atravessado por duas experiências, por dois tipos de socialismos e em ambos concebidos como sujeitos de transformação. A idéia de *homem novo* parece aqui a mais pertinente para entender a sua auto percepção ou, pelo menos, entender que a idéia de pretender transformar estes sujeitos no ideal do *homem novo*, tão caro ao projeto modernizador socialista, em Moçambique através de a disciplina militar[24]: "Eles nos ensinaram a marchar porque é a disciplina militar que faz ao homem novo, sem disciplina você não é homem novo"[25]; e na Alemanha através do trabalho e sua moral proletária: "Wenn wir sie aus der Sippe raus kriegen, dann können wir sie umerziehen" [26], foram experiências, que pensadas de maneira paternalista, atingiram de uma ou outra forma subjetividades individuais e coletivas de maneira complexa. Foram experiências que acreditavam como condição básica para aceder ao novo status de *homem novo*, em ambos os casos, o desenvolvimento de uma lealdade política com as elites. Este processo de formação de lealdades, por sua vez, nos remete à idéia de pertença. A dúvida para o caso dos Magermanes é se esta produção de lealdades, com o tempo, implicou necessariamente um sentimento de pertença, e em caso afirmativo pertença a que?

Em outro texto se reflete[27] sobre o problema da reiterada indisciplina destes trabalhadores moçambicanos, denunciadas pelos encarregados da

[24] "A transformação do patriota moçambicano organizado politicamente na FRELIMO em homem novo partia de uma elaboração teórica fundada na interacção da determinação estrutural (a participação na luta e no trabalho manual junto aos camponeses) com a superestrutura (a consciência de combater a dominação e as formas de exploração). Seria na luta, lado a lado com a população camponesa, que o guerrilheiro ganharia consciência de sua condição de classe organizada." apud CABAÇO, José Luis. Moçambique. Identidades, colonialismo e libertação. Tese Doutoral, São Paulo, 2007. p. 354

[25] Comunicação pessoal de Jaime Matola, magermane entrevistado durante a minha estadia em Maputo. Relato que se refere aos pelo menos três meses de treinamento e educação militar no bairro da Matola em Maputo, antes de partir para Alemanha. Ele já não participa diretamente das atividades dos Magermanes devido ao trabalho de motorista de tempo completo na cruz vermelha alemã.

[26] Estas foram as palavras de um chefe de turno na fabrica de produção de armas e veículos em Suhl, pequena cidade ao sul de Erfurt em Turingia. Trad. Livre: "Se conseguimos tirá-los do seu clã, poderemos então reeducá-los".

[27] O artigo a ser publicado pela revista brasileira *Horizontes Antropológicos* no último quartel deste ano.

segurança do estado alemão (STASI), durante o tempo de estadia nas fábricas alemãs. Estes relatórios colocavam a estes sujeitos de maneira genérica, como indivíduos extremamente sensíveis em relação a problemas que tivessem a ver com sua cor de pele; de baixa moral socialista em relação ao trabalho, promíscuos sexuais e bebedores excessivos: em suma, um sujeito contrário ao que se esperava sob a idéia de homem novo na RDA. Porém, nada disso é mencionado nas histórias que os próprios Magermanes me relatam. Ao invés, abundam as histórias de sucesso e reconhecimento social; o socialismo alemão é exaltado pela sua modernidade e as possibilidades de consumo; as experiências de discriminação são reduzidas a anedotas, e assim por diante. Esta aparente contradição entre os relatórios da STASI e os relatos dos Magermanes, só podem ser entendidos tomando em conta o contexto espaço – temporal desde o qual estão sendo elaborados. Neste sentido pelo grau de identificação com a experiência alemã, gerada através desta memória seletiva, é condicionada pelo contexto de marginalidade e exclusão que os Magermanes vivem na atualidade. Uma espécie de sentimento de pertinência nostálgico, no qual a lealdade se constrói em função de eventos idealizados com um país que não é o próprio, sobretudo que já não existe: uma utopia? Talvez esta seja a base do desenraizamento e sentimento de alteridade que demonstram nas suas narrativas da injustiça. Talvez um traço de identidade Magermane esteja se configurando a partir de este pretérito processo de aquisição de elementos culturais diferentes dos acostumados (a construção do homem novo socialista) e esta idéia de viver inseridos em dois mundos diferentes no tempo e no espaço e, no entanto, fazer parte de nenhum

O objetivo deste relato foi esboçar os elementos que foram aparecendo e que atuam no processo de dramatização de um conflito social muito controvertido. Seguindo a linha de reflexão de Victor Turner (1971), ao entender esta situação específica na forma de um drama social, podemos reconhecer uma série de elementos que permitiriam pensar a realidade moçambicana no seu conjunto e não apenas como se se tratasse de um grupo isolado e excepcional ao interior de uma estrutura social, que a meus olhos, parece em sua totalidade fundada no conflito. Neste sentido, se pretende pensar a estrutura social como um conflito e daí pensar a presença e ação deste grupo dentro de uma lógica que não emana unicamente deles, mas os atravessa. Daí entender que os Magermanes não representam uma excepcionalidade ao interior desta realidade moçambicana atual, pelo contrário entendê-los como um reflexo dinâmico deste contexto repleto de

nuances. Pensar o conflito existente entre Magermanes e governo, fora da excepcionalidade que pode ter significado estes primeiros haver estado na Alemanha e a eventual possibilidade de ter adquirido elementos culturais diferentes dos acostumados, é um reflexo da maneira como os processos sociais são assumidos e tratados pelos diversos agentes na sociedade em Moçambique.

Efetivamente, não podemos reduzir esta marcha semanal a uma forma apenas programática de luta. Nela existem elementos suficientes para pensar que se trata de uma maneira particular de dialogar no conflito, e aqui me refiro não apenas ao conflito específico entre Magermanes e governo, mas ao conflito pensado de maneira geral, como estrutura constituinte da realidade moçambicana. Pensar esta marcha semanal, como disse, não apenas como um ponto programático na sua luta reivindicativa, mas, além disso, como uma espécie de ritual que aponta a manter e fortalecer uma identidade coletiva, sobretudo em uma realidade que constrói continuamente alteridades. A partir daí, refletir em torno dos dispositivos incorporados e excluídos no tempo, os manifestos e os obliterados, como contínuas atualizações em um contexto de modernização, fortemente excludente, que exige negociar, seja de maneira conflitante, contraditória e, muitas vezes, ambígua para serem incluídos. Daí atrever-se a pensar o sujeito Magermane, sobretudo como um sujeito eminentemente coletivo, independente do fato de haver passado por um processo de individuação ou subjetivização específico na sua ida para a Alemanha. Tanto esta experiência como seu retorno se caracterizam por processos de afetação coletiva de ordem muitas vezes compulsória. Para o caso da Alemanha tanto nas brigadas de trabalho, como nos momentos de lazer e descanso, a vivência foi experimentada de maneira grupal. No caso de seu retorno, sua marginalização e segregação social foram experimentadas de maneira também coletiva. O espaço para a individualidade se encontraria então fora desta luta, talvez nos lares, com a família e entorno, nos poucos lugares de trabalho fixo. A pergunta que nasce desta constatação seria se existiriam os Magermanes da maneira como são conhecidos na atualidade, se todos tivessem recebido seu dinheiro?

Recebido em 10/07/2008
Aceito em 30/09/2008

REFERÊNCIAS

BRITTES Lemos; TORIBIO, Maria Teresa & MORAES, Nilson. *Memória e construções de identidades*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2001.

CABAÇO, José Luís. Identidades, conflito e liberdade. In: *TRAVESIAS* - Revista de Ciências Sociais e Humanas em língua Portuguesa, Lisboa, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, n. 4/5, p. 237-250, 2004.

CAHEN, Michel. *Os outros*: um historiador em Moçambique 1994. Basel-Suiza: [s.n.], 2004.

CASSIRER, Ernst. *Linguagem e mito*. São Paulo: Perspectiva, 2003.

DÖRING, Hans-Joachim; RÜCHEL, Uta (Hg.). *Freunschaftsbande und Beziehungskisten*: Die Afrikapolitik der DDR und der BRD gegenüber Mozambik. Frankfurt am Main: Brandes & Apsel, 2005.

ELIAS, Norbert. *Os estabelecidos e os outsiders*: Sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1994.

_____. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1987.

FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas* - métodos. São Paulo: Global Universitária, 1987.

GEFFRAY, Christian. *A causa das armas*: Antropologia da guerra contemporânea em Moçambique. Porto: Afrontamento, 1991.

GLUCKMAN, Max. *Política, derecho y ritual en la sociedad tribal*. Madrid: Akal Editor, 1978.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo : Centauro, 2006.

ICMA. *Alemanha ida e volta*. Deutschland, hin und zurück. Vivencias dos Moçambicanos antes durantes e depois da estadia em Alemanha. Maputo: Instituto Cultural Moçambique-Alemanha, 2005.

MAGALHÃES COSTA, Icléia Thiessen & GONDAR, Jô (Org.). *Memória e espaço*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2000.

MAGODE, José (Ed.). *Moçambique*: etnicidades, nacionalismos e o Estado. Transição inacabada. Maputo: CEEI/ISRI, 1996.

MÜGGENBURG, Andreas. Die ausländischen Vertragsarbeiter in der ehemaligen DDR : Darstellung und Dokumentation / [Autor: Andreas Müggenburg] . - Berlin , 1996 . - 111 S. : Tab . - (Mitteilungen der Beauftragten der Bundesregierung für die Belange der Ausländer ; 1, November 1996)

OPPENHEIMER, Jochen. Os trabalhadores moçambicanos na antiga República Democrática Alemã: Passado e presente. *Documento de Trabalho,* Lisboa: CEsA, n. 65, 2004.

PASSADOR, Luiz Henrique. *Dinheiro e feitiço numa vila moçambicana*. Porto Seguro-BA: [s.n.], 2008.

PEDROSO DE LIMA, Antónia & SARRO, Ramon. *Terrenos metropolitanos*. Ensaios sobre produção etnográfica. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais , 2006.

SOUZAS SANTOS, Boaventura de & CRUZ E SILVA, Teresa (Org.). *Moçambique e a reinvenção da emancipação social*. Maputo: Centro de Formação Jurídica e Judiciária, 2004.

TURNER, Victor. *Dramas, campos e metáforas*. Ação simbólica na sociedade humana. Niterói: UFF, 2008.

YUSSUF, Adam. *Escapar aos dentes de crocodilo e cair na boca do leopardo*: trajetória de Moçambique pós-colonial (1975-1990). Maputo: Promedia, 2006.